



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

THAYANNE BARBOSA SOARES

**O CONCEITO DE SOLIDARIEDADE E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA
PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO 6º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA**

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

THAYANNE BARBOSA SOARES

O CONCEITO DE SOLIDARIEDADE E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA
PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO 6º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Trabalho de conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Estadual da Paraíba,
como parte dos requisitos necessários para a
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia.

Orientadora: Profª. Ms. Senyra Martins
Cavalcanti.

CAMPINA GRANDE - PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C676c Soares, Thayanne Barbosa.
O conceito de solidariedade e as relações interpessoais na percepção dos alunos do 6º ano de uma escola pública [manuscrito] / Thayanne Barbosa Soares. - 2018.
35 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Profa. Ma. Senyra Martins Cavalcanti ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Ensino fundamental II. 3. Cinema e educação . I. Título
21. ed. CDD 372.19

THAYANNE BARBOSA SOARES

O CONCEITO DE SOLIDARIEDADE E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA
PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO 6º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, como parte dos
requisitos necessários para a obtenção do título de
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Nota 10,00 (dez)
SME

Aprovada em: 10/12/2018

BANCA EXAMINADORA

Senyra Martins Cavalcanti

Profª. Mª. Senyra Martins Cavalcanti (Orientadora)
(Universidade Estadual da Paraíba - UEPB)

Maria do Socorro Moura Montenegro

Profª. Dtrª. Maria do Socorro Moura Montenegro
(Universidade Estadual da Paraíba - UEPB)

Patricia Aragão

Profª. Dtrª. Patricia Cristina de Aragão
(Universidade Estadual da Paraíba - UEPB)

CAMPINA GRANDE - PB
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças durante todo esse ano. Um ano cheio de desafios e que ficará marcado, pois foi o ano em que minha avó nos deixou, sendo um dos maiores desejos dela, que eu me formasse.

Aos meus pais, Joseilda Barbosa Cabral e José Roberto Soares, por todo o esforço para garantir uma boa educação e um futuro melhor. Sempre me orientando e dando o apoio necessário para obtenção dos resultados esperados.

Aos meus professores que merecem todo o reconhecimento e admiração, por ter me direcionado e repassado seus conhecimentos. Dando o suporte necessário tanto no lado acadêmico como no lado pessoal e humano, todos me ensinaram algo que levarei para o resto da vida. Agradecendo em especial a minha orientadora Senyra Martins Cavalcante, uma mulher que considero bastante, que conquistou minha admiração desde o primeiro componente ministrado. Não tenho palavras para expressar a sua importância para a minha vida, por toda sua dedicação e compromisso para comigo, agradeço do fundo do meu coração.

Aos meus amigos que sempre me apoiaram nesta caminhada, por todo incentivo, força e companheirismo. Minhas amigas Franciele Apolinário, Roselene Perluche e Sheyla Araújo que caminharam junto comigo durante o curso. A minha amiga Vanessa Nóbrega que nos momentos de desespero estava disposta a doar palavras de conforto e motivação.

Agradeço a todos que de alguma forma puderam me ajudar, com uma simples palavra de conforto, que com certeza valeu muito. Meu coração se enche de alegria por estar rodeada de pessoas com quem eu posso contar sempre.

Obrigada meu Deus por sempre colocar pessoas maravilhosas em minha vida!

RESUMO

Ao entender a importância do cinema como ferramenta pedagógica, este artigo parte de uma experiência didático-pedagógica que articulou o cinema de animação com o Tema Transversal Ética proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Compreendendo o vasto repertório de conceitos relacionados à ética, optamos por trabalhar com o conceito de solidariedade. Nossa pesquisa é uma abordagem qualitativa, com campo de investigação na Escola de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário, situada na Cidade de Campina Grande – PB. O objetivo geral foi o de explorar através de uma experiência didática: Como os alunos do 6º ano compreendem o conceito de solidariedade no contexto social e em suas relações interpessoais? Os objetivos específicos foram: analisar o processo de assimilação e reconhecimento sobre o que é ser solidário e conhecer como os alunos identificam a solidariedade relacionando com suas vivências pessoais. Escolhemos o filme “Irmão Urso” (dir. Aaron Blaise e Robert Walker, 2003) por focalizar o conceito de solidariedade, norteando e estimulando os alunos a discutirem o tema relacionando com a sua vida pessoal. Nosso referencial teórico é composto por Bauman (1999; 2004), no que diz respeito aos conceitos de ética, solidariedade e afetividade; A análise do Tema Transversal dos PCN's (1997); em relação à articulação entre cinema e educação discorremos a partir de Duarte (2002) e Napolitano (2003); a relação entre cinema e imagem se constituiu através de Fantin (2009). A respeito da nossa coleta e análise de dados seguimos a abordagem qualitativa proposta por Mattos (2011), Marchi (2018), Godoy (1995) e Beaud e Weber (2007) enquanto que as reflexões sobre o professor como investigador de sua própria prática foram comentadas a partir de Paiva (2003). Também fez parte da nossa pesquisa a elaboração de um projeto de intervenção didático-pedagógico com instrumentos e coleta de dados, a produção de slides e edição do filme para o trabalho em sala de aula, com vinte (20) alunos com idades entre onze (11) e quatorze (14) anos. Os resultados da pesquisa apontaram que a maioria dos alunos entende por solidariedade o ato de doar-se ao seu próximo, percebendo a solidariedade como uma prática de sensibilização com o outro, e identificando como uma postura não solidária o pensamento individual.

Palavras-chaves: Solidariedade. Cinema de Animação. Tema Transversal de Ética. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

Understanding the importance of cinema as a pedagogical tool, this article starts with a didactic-pedagogical experience that articulated the animated cinema with the Ethical Transversal Theme proposed by Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Understanding the vast repertoire of concepts related to ethics, we chose to work with the concept of solidarity. Our research is a qualitative research, with field of investigation in Escola de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário located in the City of Campina Grande - PB. The general objective was to explore through a didactic experience: how do the sixth-year students understand the concept of solidarity in the social context and in their interpersonal relationships? The specific objectives were: to analyze the process of assimilation and recognition of what it is to be supportive and to know how the students identify the solidarity relating to their personal experiences. We chose the movie "Brother Bear" (2003, dir. Aaron Blaise and Robert Walker) for focusing on the concept of solidarity, guiding and stimulating students to discuss the topic relating to their personal life. Our theoretical research is composed of Bauman (1999; 2004), with regard to the concepts of ethics, solidarity and affectivity; The analysis of the Transversal theme of PCN'S (1997); In relation to the articulation between cinema and education we have been using Duarte (2002) and Napolitano (2003); The relationship between cinema and image was constituted through Fantin (2009). Regarding our data collection and analysis we follow the qualitative approach proposed by Mattos (2011), Marchi (2018), Godoy (1995) and Beaud and Weber (2007) while the reflections on the teacher as an investigator of his own practice were commented on From Paiva (2003). Also part of our research was the elaboration of a didactic-pedagogical intervention project with instruments and data collection, the production of slides and the edition of the film for the work in the classroom, with twenty (20) students aged between eleven (11) and fourteen (14) years. The results of the research pointed out that most students understand by solidarity the act of giving themselves to their neighbor, perceiving solidarity as a practice of sensitization to the other, and identifying as a non-solidarity posture the individual thought.

KEYWORDS: Solidarity; Animated Cinema; Transversal Theme of National Curricular Parameters; Elementary school II.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: Layout da capa do DVD do filme “Irmão Urso”.....	27
Imagem 2: Alunos do 6º ano F na sala de vídeo.....	29
Imagem 3: Cena do filme proposta na atividade.....	31
Imagem 3: Representa a resposta da atividade da aluna Tathiele (11 anos).....	31
Imagem 4: Representa a resposta da atividade da aluna Aísia (12 anos).....	32
Imagem 5: Representa a resposta da atividade do aluno Alisson (11 anos).....	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Nomes fictícios dos alunos do 6º ano F.....	25
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO	12
__2.1 A solidariedade nas relações interpessoais	12
__2.2 Tema transversal ética	15
__2.2.1 A Ética como Tema Transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).15	
3. CAPITULO II - CINEMA E EDUCAÇÃO	19
3.1 O cinema como método educativo.....	19
3.2 O professor e a utilização de filmes em sua prática.....	21
4. CAPITULO III – METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS	24
4.1 O professor como investigador da sua prática	24
4.2 A abordagem da pesquisa, coleta e organização dos dados.....	24
4.3 Campo de investigação	26
4.4 Análise dos dados	27
CONSIDERAÇÕES	35
REFERÊNCIAS	36

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que, para manter uma boa relação de convivência, se faz necessário praticar os princípios éticos, princípios estes moldados pela sociedade, cujas regras são estabelecidas e compartilhadas por todos membros de um grupo. A ética é essencial para regulamentar as relações pessoais e, diante disto, a escola por ser detentora de conhecimento e relações de convívio, se torna uma das maiores responsáveis para se praticar esse conceito. Como o Tema Transversal proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) destaca, a ética dispõe de variados temas articulados a ela. Afim de observar essa questão, esta monografia partiu de uma experiência didático-pedagógica de trabalho com o conceito ético de solidariedade.

O primeiro contato com a referida temática iniciou-se a partir de um pré-projeto elaborado a fim de atender à solicitação de um componente curricular, orientado pela professora Senyra Martins Cavalcanti (DE/UEPB). Em seguida, com o ingresso como monitora no projeto de extensão: (PROEX/UEPB, Cota 2017-2018) “O cinema na sala de aula: assessoria e capacitação para o uso didático-pedagógico de filmes de animação nos anos finais do Ensino Fundamental” e mais a formação na temática proporcionada pelo o minicurso “Cinema de Animação e Educação na Perspectiva da Transversalidade do Conhecimento”, ambos coordenados pela professora Senyra Martins Cavalcanti (DE/UEPB). Estas experiências formativas motivaram a produção de um projeto de intervenção didático pedagógico e a escolha por trabalhar o conceito ético de solidariedade articulando-o com o cinema de animação.

O artigo tem como objetivo geral conhecer como os alunos do 6º ano compreendem o conceito de solidariedade no contexto social e em suas relações interpessoais? Os objetivos específicos foram: de analisar o processo de assimilação e o reconhecimento sobre o que é ser solidário; e, conhecer como os alunos identificam a solidariedade relacionando com ações cotidianas. Diante disto, selecionamos como apoio metodológico o filme de animação “Irmão Urso” (dir. Aaron Blaise e Robert Walker, 2003).

A pesquisa adotou a abordagem metodológica qualitativa etnográfica, orientadas pela reflexão do professor como investigador de sua prática pedagógica, seguindo com a elaboração de instrumentais para a coleta dos dados na forma de sequência didática.

O projeto didático-pedagógico teve como campo de investigação a Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário na cidade de Campina Grande – PB.

Nosso referencial teórico é composto por: Bauman (1999; 2004), no que diz respeito aos conceitos de Ética, solidariedade e afetividade; na análise do Tema Transversal Ética dos PCN's (1997); em relação à articulação entre cinema e educação discorremos a partir de Duarte (2002) e Napolitano (2003), e cinema e imagem a partir de Fantin (2009). A respeito da nossa coleta e análise de dados seguimos a abordagem qualitativa proposta por Mattos (2011), Marchi (2018), Godoy (1995) e Beaud e Weber (2007). Enquanto que, as reflexões sobre o professor como investigador de sua própria prática foram comentadas a partir de Paiva (2003). Também fez parte da nossa pesquisa a elaboração de um projeto de intervenção didático pedagógico com instrumentos para coleta de dados, a produção de slides e edição do filme para o trabalho em sala de aula, com vinte (20) alunos com idades entre onze (11) e quatorze (14) anos.

Quanto à sua estrutura organizacional, esta monografia, está organizada da seguinte forma: introdução, capítulo I, referencial teórico seguindo da discussão do conceito solidariedade nas relações interpessoais a partir de Bauman, logo após evidenciando o conceito solidariedade através dos PCN's. No capítulo II com a concepção do cinema como método educativo e o professor e a utilização de filmes em sua prática. Em seguida no capítulo III na metodologia descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados durante a pesquisa e analisamos os dados coletados. Depois apresentamos as nossas considerações finais. Por fim, identificaremos as referências.

2. CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A solidariedade nas relações interpessoais

À seguir, nós vamos discutir o conceito de solidariedade, considerando que este é um dos conceitos que fazem parte do repertório de conceitos relacionados à Ética vamos discorrer sobre o conceito ético de solidariedade a partir de Bauman, por entender que seus estudos se articulam teoricamente com a nossa linha de abordagem do tema.

As relações sociais estão presentes em qualquer ambiente que exista mais de um indivíduo. Essas relações são variadas e assumem posturas diferentes dependendo do ambiente e das pessoas que estejam presentes. No local de trabalho, é fundamental manter uma postura mais formal e priorizar uma socialização profissional com as pessoas do grupo. Enquanto que, em um ambiente com amigos íntimos, pode-se manter uma conversa mais informal e não necessariamente se comportar da mesma maneira como no local de trabalho.

É da natureza do ser humano se relacionar. Os laços que são criados dentro dos grupos de pessoas são chamados de relações interpessoais. Esse tipo de relação exige um certo cuidado: manter uma boa comunicação com o grupo, moldar as atitudes tomadas de acordo com os princípios éticos (respeito, solidariedade, equidade, justiça e etc.), por exemplo. Os princípios éticos fazem toda a diferença para uma boa convivência em grupo e são uns dos caminhos que favorecem um certo tipo de relacionamento. Quanto melhores e mais positivos forem esses laços, maiores serão as chances de se construir boas relações com as pessoas de nosso convívio.

A nossa sociedade está tomando uma forma diferente em relação aos laços de interação pessoal. Com as famosas redes sociais e as facilidades que encontramos para tê-las, está se constituindo uma nova forma de interação social, com isso ocorre a deterioração dos laços tradicionais. De acordo com Bauman (2004), a proximidade virtual torna as relações humanas mais frequentes e fúteis, mais demoradas e breves. Essas conexões são excessivamente mais breves e fúteis para poderem condensar-se em laços. Os contatos requerem menos tempo e dedicação para serem estabelecidos e para serem rompidos. Neste caso, a distância não é considerada um problema para se entrar em contato e entrar em contato não quer dizer que você terá obrigações necessariamente para com o outro. “Os espasmos da proximidade virtual terminam, idealmente, sem sobras nem sedimentos permanentes. Ela

pode ser encerrada, real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão”. (BAUMAN, 2004, p. 59).

Bauman (2004, p. 59), ainda afirma que:

A realização mais importante da proximidade virtual parece ser a separação entre comunicação e relacionamento. Diferentemente da antiquada proximidade topográfica, ela não exige laços estabelecidos de antemão nem resulta necessariamente em seu estabelecimento. “Estar conectado” é menos custoso do que “estar engajado” – mas também consideravelmente menos produtivo em termos de construção e manutenção de vínculos”.

Essa proximidade virtual chegou para ficar, e mediante os avanços da tecnologia surgirão novas formas para facilitar nossas relações virtuais. Mas vale ressaltar que, automaticamente faz-se pensar no outro lado da moeda. O que serão das proximidades não-virtuais? Um dos ambientes em que esse tipo de relação (não-virtual) está bastante presente é no ambiente escolar, por mais que os alunos sejam adeptos das redes sociais e tenham todos os colegas de sala de aula entre os contatos, no espaço escolar a relação será face a face.

Segundo Bauman (2004, p. 59):

Seria tolo e irresponsável culpar as engenhocas eletrônicas pelo lento mas constante recuo da proximidade contínua, pessoal, direta, face a face, multifacetada e multiuso. E, no entanto, a proximidade virtual ostenta característica que, no líquido mundo moderno, podem ser vistas, como boa razão, como vantajosas – mas que não podem ser facilmente obtidas sob as condições daquele outro tête-à-tête, não-virtual. Não admira que a proximidade virtual tenha ganhado a preferência e seja praticada com um maior zelo e espontaneidade do que qualquer outra forma de contiguidade.

Mesmo que a proximidade virtual tenha ganho preferência, a escola deve trabalhar as relações interpessoais, pois é dentro do espaço escolar que estes alunos se relacionam pessoalmente. Um dos maiores desafios para a escola, nos dias atuais, está relacionado à convivência de grupo. Os alunos não se respeitam, conseqüentemente não respeitam os professores ou qualquer pessoa que integre o ambiente escolar. Este tipo de atitude enfraquece os laços que deveriam existir em um espaço que deve prezar pela educação e pelo conhecimento.

A escola deve propor métodos para a promoção de um convívio saudável entre os alunos. O que não se deve praticar é a acomodação em achar que tudo ocorre bem, e não procurar possíveis soluções para contornar as situações impostas, ou até mesmo de precaver situações que venham a surgir em um futuro breve. Talvez, em razão disto, são recorrentes os casos de *bullying*, falta de respeito e pensamentos individualistas entre os alunos. A escola organizando ações para trabalhar com a possibilidade de diminuição das eventualidades de *bullying*, conseqüentemente poderá fazer com que melhore o desempenho escolar dos discentes e docentes envolvidos.

A propagação de uma boa convivência de grupo, como já mencionado anteriormente, requer a prática de princípios éticos. Toda e qualquer atitude em relação ao outro gera algum tipo de consequência, cabe a nós escolher qual é o tipo de consequências que queremos gerar, boas ou ruins.

Nossa sociedade está cada vez mais violenta e individualizada, com a promoção de indivíduos que não possuem apreço e respeito à vida. A escola tem o dever de promover uma reflexão com os alunos sobre os valores humanos. É importante a aceitação e a tolerância para com as escolhas do outro. Assim, trabalhar com o tema respeito é fundamental para incentivar que as pessoas reconheçam que são diferentes, porém tem os mesmos direitos, não obstante cada um possui sua identidade e carrega consigo uma história de vida. Segundo Bauman (1994), é preciso respeitar o outro precisamente na sua alteridade, em suas preferências e no seu direito de ter preferências. “É preciso honrar a alteridade no outro, a estranheza no estranho, lembrando que ‘o único é universal’, que ser diferente é o que nos faz ser semelhantes uns aos outros e que eu só posso respeitar a minha própria diferença respeitando a diferença dos outros”. (BAUMAN, 1994, p. 249).

A solidariedade está inclusa nos princípios éticos impostos pela sociedade, auxiliando na formação do indivíduo, objetivando a integração dos sujeitos e a harmonia das relações sociais. Trabalha sobre a demonstração de amor fraternal para com aqueles que necessitam. Logo ser solidário vai além da ajuda e doação de bens materiais, pois revela sentimentos profundos de compaixão e amor ao próximo. Afinal, de que adianta ajudar sem sentir o prazer de saber que de alguma forma pode contribuir para a vida daquela pessoa em questão? Ser solidário é se disponibilizar para ajudar o outro sem esperar nada em troca. O ato de doar-se e compreender o outro compartilhando pensamentos de cunho coletivo, considera que a exclusão de pensamentos individualistas é uma virtude da solidariedade.

É pelo direito do Outro que meu direito se coloca. “Ser responsável pelo Outro” e “ser responsável por si mesmo” vêm a ser a mesma coisa. Escolher as duas coisas e escolhê-las como uma, uma só atitude indivisível, não como duas instâncias correlatas mas separadas, é o significado de reformular a contingência de sina em destino. Chamem a isso como quiserem: Camaradagem, identificação imaginativa, empatia; só não podem dizer dessa opção que ela decorre de uma regra ou comando, seja na injunção da razão, uma norma empiricamente demonstrada pelo conhecimento que busca a verdade, uma ordem de Deus ou um preceito legal. (BAUMAN, 1994, p. 249).

O que Bauman (1994), chama atenção é que não devemos ser solidários apenas por que a sociedade definiu isso como um ato de compaixão, ou utilizar o nome de Deus em prol desse ato, ou até mesmo para se purificar de algo errado que venha ter cometido. Mas aplicar a solidariedade em nossa essência, transmitir ajuda em todas as instâncias, sejam elas emocionais, ocupacionais, ou qualquer que sejam. A solidariedade deve estar presente em mínimas ações, em sentimentos que confortam o outro, valorizando seu espaço e sua plenitude.

2.2 Tema transversal ética

2.2.1 A Ética como Tema Transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)

O Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) são documentos disponibilizados pelo Ministério da Educação (MEC) que dão suporte para os professores da educação básica em nosso país. Como parte dos PCN's foram propostos Temas Transversais e, dentre eles, o de Ética. A ideia de um texto curricular que oriente sobre as responsabilidades éticas e morais na escola é nova. Em sua primeira parte, o Tema Transversal de Ética descreve os valores que regem o exercício do cidadão numa sociedade democrática, defendendo também a relevância da escola na formação ética dos alunos. Com isso, apresenta objetivos gerais sobre a proposta para se trabalhar na escola. A segunda parte do TT Ética é destinada aos anos iniciais do ensino fundamental, evidenciando os conteúdos relacionados a ética, fragmentando-a entre os subtemas respeito mútuo, justiça, solidariedade e diálogo, discutindo e apresentando orientações didáticas.

O tema transversal ética apresenta os significados e conceitos éticos e morais. Em seu percurso histórico, os conceitos de ética e moral se diferenciam. A moral se caracteriza como

conjuntos de princípios, crenças, regras que orientam o comportamento dos indivíduos nas diversas sociedades, enquanto que a ética como reflexão crítica sobre a moral, de acordo com Brasil (1998, p. 49): “Pode também significar Filosofia da Moral, portanto, um pensamento reflexivo sobre os valores e as normas que regem as condutas humanas”. Neste caso, a ética e a moral caminharão juntas e o objetivo deste documento em questão é proporcionar atividades que o aluno reflita a partir dos princípios sobre a sua conduta e a dos outros.

O indivíduo sofre influências dentro e fora da escola, mas a maior influência é a sociedade em que está inserido. A escola não tem o papel de educar a criança, mas muitos tem apenas a escola para poder aprender sobre o que é agir com ética e ser um cidadão. A primeira concepção de escola que temos é que ela se preocupe com a formação do intelecto do indivíduo e a formação moral fica para um segundo plano. Essa visão é um tanto irresponsável: Do que adianta formar o intelecto do aluno sem dá importância para a sua formação de valores? A necessidade de transmitir valores morais para as crianças, desde cedo, possibilita que as mesmas já se reconheçam como integrantes da sociedade. De acordo com Iavelberg (2018), é um desafio para a escola poder contribuir para a formação moral e ética do aluno. É necessário que, nos espaços educativos, se construa de maneira crítica a participação do indivíduo na vida pública que o circulam, para que o mesmo tome consciência da realidade, dos conflitos e interesses sociais e individuais. Neste sentido, ninguém se torna cidadão de uma hora para outra, a concepção de participação social deve ser continuamente construída. Para isso, existem várias formas para ensinar sobre normas, valores e atitudes que sejam passíveis de orientar as relações para obtenção de uma convivência justa. Desse modo, o trabalho educacional que garante os conteúdos atitudinais deve estar nas atividades cotidianas e na participação dos objetivos de aprendizagem.

De fato, alguns poderão pensar que a escola, por várias razões, nunca será capaz de dar uma formação moral aceitável e, portanto, deve absterse dessa empreitada. Outros poderão responder que o objetivo da escola é o de ensinar conhecimentos acumulados pela humanidade e não preocupar-se com uma formação mais ampla de seus alunos. Outros ainda, apesar de simpáticos à idéia de uma educação moral, poderão permanecer desconfiados ao lembrar a malfadada tentativa de se implantar aulas de Moral e Cívica no currículo. (BRASIL, 1998, p. 51).

Em 1969 com o Decreto da Lei 869/68, a disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC) se tornou obrigatória no currículo escolar brasileiro, caracterizando-se pela transmissão dos ideais do regime autoritário ao enaltecer o nacionalismo e o civismo dos alunos. Essa e outras disciplinas obrigatórias da época causaram danos à formação de toda

uma geração de estudantes, pela ausência de criticidade e o ensino era, de certa forma, superficial. Porém, a proposta do PCN é totalmente diferente das aulas de Educação Moral e Cívica dos anos 60. Nos TT's dos PCN's, a ética passará a estar presente em todas as disciplinas, pois deve-se trabalhar a ética e a moral em todos os momentos de aprendizagem vivenciados na escola. Como afirmamos anteriormente, a escola não é a detentora da formação social dos alunos como um todo, na medida em que as crianças sofrem influências da sociedade em que vivem, bem como dos familiares e dos meios de comunicação. Apesar de transmitir valores e regras que contribuem para a formação moral dos alunos, tem as suas limitações. “É preciso deixar claro que ela não deve ser considerada onipotente, única instituição social capaz de educar moralmente as novas gerações. Também não se pode pensar que a escola garanta total sucesso em seu trabalho de formação”. (BRASIL, 1998, p. 61). O ensino de ética é, sem dúvida, importante e precisa ser ministrado em sala de aula, respeitando a liberdade de cada aluno, usando a razão e pensando sempre no bem comum.

A transmissão de valores oportuniza uma boa convivência entre os alunos. Os principais mediadores desses valores são os professores que tem participação efetiva na construção do projeto pedagógico da escola. Os professores precisam utilizar os seus saberes como recurso para o bem da coletividade com quem trabalha. O professor assume ao mesmo tempo duas tarefas: uma delas é conhecer melhor os seus alunos, tanto no que diz respeito estritamente ao processo ensino aprendizagem quanto aos desejos, interesses, dificuldades, experimentados por eles em suas vidas; a outra é a ampliação do conhecimento de si mesmo. (BRASIL 1998, p. 77).

Ao se trabalhar ética na escola, o professor deve assumir alguns propósitos, de acordo com os PCN's:

O trabalho com a Ética tem como objetivo o reconhecimento de que as atitudes das pessoas precisam ser pautadas por princípios de respeito, justiça, solidariedade e diálogo, que devem estar expressos na ação cotidiana da escola. A contribuição da escola, e principalmente do professor, é fundamental para que os alunos desenvolvam a capacidade de pautarem as suas atitudes naqueles princípios. Para tanto, é necessário que o professor proponha situações didáticas que propiciem a todos os alunos o conhecimento e a discussão crítica sobre eles. (BRASIL, 1998, p. 87).

A fim de realizar o objetivo identificado, a Ética como um tema transversal precisa estar inserida em todas as disciplinas presentes no currículo. como Vale ressaltar que o documento dos PCN's trabalha com quatro (4) princípios éticos que norteiam o exercício da

ética: o respeito mútuo, o diálogo, a solidariedade e a justiça. Também podemos ressaltar que esses princípios se interligam, e podemos considerar que é quase inevitável trabalhar um sem mencionar o outro. Observando que a ética tem a importância de possibilitar uma reflexão por parte dos alunos de acordo com o que estão vivendo no seu cotidiano, contribuindo de forma significativa na construção da criticidade dos alunos. Tendo o objetivo de formar cidadãos autônomos que tenham entendimento moral, o documento dos PCN's apresenta uma normatização de como se trabalhar com a ética e afirma que cabe à escola contribuir para essa formação cidadã dos alunos e alunas.

3. CAPÍTULO II - CINEMA E EDUCAÇÃO

3.1 O cinema como método educativo

Com o surgimento do cinema em 1895 pelos irmãos Louis e Auguste Lumière, foi possível conhecer uma nova forma de arte que perdura até os dias de hoje, e que desde a sua criação esteve associado às massas trabalhadoras. De acordo com Napolitano (2003 apud ALMEIDA, 2001, p. 7), “o filme é produzido dentro de um projeto artístico, cultural e de mercado – um objeto de cultura para ser consumido dentro da liberdade maior ou menor do mercado”.

Depois do seu surgimento. O uso do cinema como instrumento educacional se constituiu de forma secundária, sendo considerado uma ferramenta poderosa para a educação.

Em seus estudos, Fantin (2009) considera o cinema como uma indústria que produz mercadoria e, como toda indústria, seu produto tem que ser consumido por um público para o qual foi pensado, realizado e comercializado. Porém, a invenção cinematográfica tem um diferencial de produzir uma mercadoria fortemente condicionante da mentalidade de massas e que possui um notável potencial ideológico. Neste sentido, compreender o cinema como indústria é observar o mesmo como um todo, identificar o que acontece subjacente às obras exibidas na sala escura, bem como toda a produção envolvida e os fatores socioeconômicos que regem as produções artísticas.

Ao se tornar uma grande indústria, a divulgação e exibição de filmes está ocorrendo com bastante frequência e de forma midiática, ou seja, os filmes, principalmente, os de animação chamam atenção dos meios de comunicação, mas precisamos ressaltar que não podemos entender o cinema como mídia. O cinema aqui é entendido como arte e não como um meio de comunicação.

Diferentemente de Fantin (2009), (Duarte (2002) apresenta outra visão sobre o cinema. nos relata o quão é a dificuldade de o cinema ser compreendido como arte, ao destacar que embora seja valorizado ainda não é reconhecido como fonte de conhecimento, uma vez que arte é conhecimento, o cinema ainda é visualizado como diversão e entretenimento.

Duarte (2002, p. 87) afirma que:

Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo e diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, para “ilustrar” de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis.

Apesar de os próprios professores serem os construtores de uma cultura de valorização cinematográfica na escola, promovendo atividades que geram exibições e discussões de filme para os alunos, como afirma Duarte (2002), os professores ainda não veem o cinema como fonte de conhecimento, quando usam como meio de ilustração do conteúdo que esteja sendo ministrado, não sabendo utilizar de forma devida. A exibição dos filmes se tornou mais frequente com o crescimento dos aparatos tecnológicos dentro das escolas. Entretanto, mesmo com essa valorização, o cinema ainda não é visto pelos meios educacionais como instrumento de conhecimento.

Diante do seu potencial mediador de conhecimento, o cinema ingressou tardiamente nas escolas. Porém, na atualidade, com toda a tecnologia que envolve nossa sociedade, várias escolas prontamente garantem aparelhos tecnológicos para a sua utilização. Como já apontamos anteriormente, a relação cinema e escola vem desempenhando um papel importante na formação cultural e na construção de valores, resultando em uma contribuição riquíssima para o conhecimento do aluno. Sendo assim, uma única obra de arte pode ajudar a escola a articular a arte cinematográfica com os conteúdos curriculares. Ter um instrumento como o cinema como apoio pedagógico pode contribuir para o desenvolvimento dos alunos e ser uma ferramenta para os professores em sala de aula. Napolitano (2003) afirma que o cinema proporciona à escola reencontrar a cultura, pois as características do cinema - sendo elas a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais - estão presentes numa mesma obra de arte.

Com isso, a escola precisa trabalhar de acordo com o cotidiano dos alunos, atualmente as crianças estão acostumadas com o mundo do cinema em seu dia a dia. O uso de recursos tecnológicos como TV's, DVD's, computadores e aparelhos de celular possibilita essa acessibilidade e através destes as crianças entram em contato com os filmes. No entanto, a diferença de assistir um filme em uma sala escura e apropriada, de tela grande, com o som diferenciado e um ambiente que proporciona reter toda a nossa atenção para o mesmo, nos faz questionar se obteremos a mesma construção de significados vendo filmes em uma televisão na escola. Fantin (2009) relata que ao assistir um filme em casa ou na escola modifica sim a forma de percepção e de significado, pois envolve variáveis que as alteram. A autora (2009)

que o contexto é outro, a atenção dada a um filme exibido em uma TV é diferente, a imagem e principalmente o espaço relacionado à sala de cinema. Porém, considera que todos os modos de ver filmes podem ser educativos, pois a importância está na relação que se estabelece com o filme e, havendo uma mediação adequada, todos os modos de apreciar filmes podem estar inseridos num contexto formativo. Ao nosso ver, os professores precisam observar essa questão, pois com essa vivência por parte dos alunos a escola deveria articular a linguagem cinematográfica com a educação. Como já foi dito anteriormente, a influência do cinema pode contribuir para o desenvolvimento educacional, oferecendo suporte tanto no desempenho escolar quanto nos conteúdos propostos no currículo, em direção à formação de valores morais. “O cinema é um instrumento precioso, por exemplo, para ensinar o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas”. (DUARTE, 2009, p. 90).

Utilizar filmes como apoio pedagógico permite evidenciar os aspectos culturais, históricos, literários e políticos, proporcionando uma visão integral do cinema enquanto instrumento educacional. Com isso, pode o cinema auxiliar no processo de ensino-aprendizagem uma vez que se torna mais fácil, tanto para uma criança quanto para um adulto, através das representações de imagens construir significados articulando os conteúdos com a obra. Com isso a utilização do cinema na educação aproxima a escola da cultura, com mais inovações e temáticas de reflexão.

3.2 O professor e a utilização de filmes em sua prática

Neste processo de conectividade entre o cinema e a escola, vale ressaltar que, o cinema possibilita a construção do imaginário da criança, pela associação das imagens do filme com as experiências da realidade em que se encontram. Fantin (2009) afirma que o filme desperta o interesse e as imagens animam significados articulados à história, mobilizando sentimentos e emoções, gerando ideias e pensamentos e, com esses aspectos expressivos, o cinema atua no imaginário infantil.

A facilidade de ver filmes hoje em dia propicia aos alunos a relacionar o que estão aprendendo com algo assistido em qualquer outro lugar fora da escola, até mesmo porque assistir filmes é também outra forma de ler, muitas vezes podemos ler um livro na sua materialidade física e assistir ao filme “ler” no filme o que falta ou excede no livro. Com essa acessibilidade na vida das crianças os professores encaram os filmes como estratégia e

ferramenta para o ensino-aprendizagem. Porém muitos ainda não dominam a forma correta de como se trabalhar com o cinema em sala de aula.

Como afirma Duarte (2002, p. 95):

Insisto em que o uso do cinema com fins pedagógicos exige que se conheça pelo menos um pouco de história e teoria do cinema (...) seria bom que os professores tivessem noções básicas de cinema e audiovisual em sua formação. Seria bom que a videoteca (ou laboratório de multimídia) estivesse incluída entre os equipamentos necessários para o funcionamento das instituições de ensino.

Os professores como mediadores precisam entender a importância de se conhecer o cinema como método de ensino. Quando Napolitano (2003) diz que a escola posicionando o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, estabelecendo a relação entre razão e emoção de forma mais direcionada incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com conteúdo escolar. Essa conexão entre professor e aluno evidencia a importância do educador e nos permite entender que o professor é o elemento de articulação entre o aluno e o filme, é o que vai o direcioná-lo para uma reflexão crítica. Duarte (2002) fez uma crítica como mencionamos anteriormente, com relação ao uso do cinema por professores que desconhecem o seu real sentido. Duarte (2002) afirma que a maioria dos professores utiliza os filmes como recurso de segunda ordem, apenas para ilustrar ou para passar o tempo, mesmo que de forma completamente descomprometida.

De acordo com Napolitano (2003) quando, escolhe um filme para incluir nas atividades escolares, o professor deve ter o cuidado de levar em conta o problema da adequação e da abordagem por meio de reflexão prévia sobre os objetivos gerais e específicos. É importante conhecer os limites e as possibilidades técnicas antes de planejar as atividades didático-pedagógicas com cinema, como também se faz necessário refletir sobre o público-alvo, conhecendo e mapeando a faixa etária, o nível de aprendizagem, o repertório cultural mais amplo e a cultura visual, respeitando assim os valores culturais, religiosos e morais dos alunos. E, assim, articular o filme com o currículo e o conteúdo discutido, com as habilidades desejadas e com os conceitos.

O exercício de analisar filmes decorre da atividade de interligar sistemas significativos do filme com sistemas significativos contidos na sociedade, a compreensão de temáticas para

serem trabalhadas de acordo com as características do filme. Segundo Duarte (2002), a apreciação de filmes requer gosto pela obra e entender o contexto em que foi produzida, dispondo de instrumento para avaliação, criticidade e identificação daquilo que pode ser tido como elemento de reflexão. Duarte (2002, p. 89), ainda enfatiza que:

Para isso é preciso ter acesso a diferentes tipos de filmes, de diferentes cinematografias, em um ambiente em que essa prática seja compartilhada e valorizada (...) os filmes “funcionam” como porta de acesso a conhecimentos e informações que não se esgotam neles.

Os professores devem buscar conhecimentos aprofundados sobre essa arte para uso no processo de ensino/aprendizagem. Duarte (2002), destaca que é sempre um novo mundo, construído na e pela linguagem cinematográfica, que se abre para nós quando nos dispomos a olhar filmes como fonte de conhecimento e de informação.

4. CAPÍTULO III – METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 O professor como investigador da sua prática

A qualidade prática do profissional docente em função do que requer o trabalho educativo trata-se de um conjunto de atitudes que contribuem, de certa forma, para a particularidade do ser professor. O uso do conhecimento unido com atitudes e valores dão corpo para a formação do professor. Com base nesse posicionamento, cabe destacar que o processo de formação docente de acordo com Paiva (2003), a forma inicial é uma base precedente ao exercício da prática docente. A formação pessoal e profissional que perdura ao longo de sua profissão é a formação continuada. A formação continuada considera a preparação do professor na ação de sua prática como sujeito que reflete sobre as atividades que realiza no seu cotidiano.

O professor como agente reflexivo instantaneamente se torna um professor pesquisador que usa sua prática como meio de investigação. Refletir acerca das atividades e/ou problemas que ocorrem em sala de aula com alunos possibilita a capacidade de idealizar novas visões para compreender e transformar considerando os fins a serem atingidos. Ao se reconhecer como um professor pesquisador, o professor se torna capaz de encontrar ou construir novas explicações para os problemas que surgem no cotidiano. Com isso, se capacita e acredita em seu potencial, observando tudo “com outros olhos”, fazendo reflexões sobre sua prática e se moldando de acordo com as estratégias criadas.

Conforme afirma Paiva (2003, p. 54):

A reflexão é entendida como um modo de conexão entre o conhecimento e a ação nos contextos práticos. Podemos compreender que o ensino dentro de uma ação reflexiva propicia uma visão otimista dos professores e é de grande aceitação no universo educacional.

O professor que está disposto a encarar a sua prática pedagógica de sala de aula como local de investigação, torna conseqüentemente seu trabalho mais reconhecido ao estabelecer uma conexão entre o conhecimento e a ação, possibilita ao professor um progresso em sua prática pedagógica.

4.2 A abordagem da pesquisa, coleta e organização dos dados

Nossa pesquisa se configura como uma abordagem qualitativa e etnográfica, com o objetivo de focalizar no objeto analisado, compreendendo as suas particularidades e estudando as suas experiências individuais. Para fundamentar nosso trabalho utilizamos os conceitos de Marchi (2018), e Mattos (2011), Godoy (1995) e Beaud e Weber (2007).

A abordagem de pesquisa qualitativa é um dos melhores métodos a seguir para a obtenção de dados ao analisar as relações pessoais. Na busca de estudar os fatos que envolvem os seres humanos e as suas complexas relações sociais, que predominam em variados ambientes, utilizamos o caminho da etnografia. Apesar de empregada na antropologia no estudo com populações primitivas, a etnografia pode ser explorada em outras áreas do conhecimento, principalmente na educação. De acordo com Godoy (1995, p. 28), “a etnografia abrange a descrição dos eventos que ocorrem na vida de um grupo (com especial atenção para as estruturas sociais e o comportamento dos indivíduos quanto membros do grupo) e a interpretação dos significados desses eventos para a cultura do grupo”.

A etnografia compreende um trabalho minucioso e detalhado, uma descrição densa que, de acordo com Mattos (2011), é uma de suas maiores preocupações, sendo necessário que essa descrição seja a mais completa possível, pela análise do objeto estudado como um todo. “A etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, da sensibilidade do outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo”. (MATTOS, 2011).

A observação é de fundamental importância para a pesquisa etnográfica como também o diário de campo. Anotar o que ocorre durante a observação torna a pesquisa mais densa e rica. Beaud e Weber (2007) afirmam que o essencial da observação de uma interação pessoal é ter a decisão de anotar, mesmo que não pareça ter tanta relevância. “Vale mais anotar demais e depois jogar fora notas sem interesse do que deixar de anotar algo que poderia vir a ser decisivo para a sua *análise*”. (BEAUD E WEBER, 2007, p. 109).

A presente pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário, na Cidade de Campina Grande – PB, na sala de aula do 6º ano F. Participaram da pesquisa vinte (20) alunos com idades entre onze (11) e quatorze (14) anos. Foram elaborados dois (2) instrumentais para coleta de dados com o objetivo de explorar o conceito de solidariedade no contexto social e nas relações interpessoais.

Antes da aplicação do projeto de intervenção didático-pedagógico foi feito todo um planejamento, a escolha da temática de acordo com os temas transversais propostos nos

documentos dos PCN's, e a escolha de um filme que pode ser utilizado para se trabalhar com a temática escolhida, e assim alcançarmos o objetivo de explorar o conceito de solidariedade no contexto social e nas relações interpessoais. Fomos direcionados a analisamos o filme e observamos as cenas que poderiam gerar tópicos de discussões para ser debatidos em sala de aula com os alunos.

Para coletar os dados necessários para compor a investigação contamos como aporte principal o filme “Irmão Urso” cujo conteúdo animou as discussões para a investigação sobre o conceito de solidariedade com os alunos.

A primeira estratégia de coleta de dados realizada após a exibição do filme “Irmão Urso” (dir. Aaron Blaise e Robert Walker, 2003) consistiu em uma conversa informal sobre: “O que os alunos entendiam como solidariedade?” Após esse momento, retomamos cenas do filme para dar continuidade à conversa estabelecendo conexão das imagens com a realidade em que os alunos se encontram. A segunda estratégia para a coleta de dados realizada compreendia na observação de uma cena retirada do filme e pela solicitação de que comentassem o que aquela cena estava expondo.

Na análise de dados, optamos pela preservação do anonimato dos alunos utilizando nomes fictícios, porém mantivemos o mesmo sexo e idade, fizemos o mesmo procedimento, com as atividades realizadas.

4.3 Campo de investigação

O campo de pesquisa utilizado foi a escola Escola Estadual de Ensino Fundamental. Nossa Senhora do Rosário, situada na Cidade de Campina Grande - PB. O acesso à sala de aula foi possível em virtude de que era monitora no do Projeto de Extensão “Cinema na sala de aula: assessoria e capacitação do uso didático-pedagógico de filmes de animação no anos finais do Ensino Fundamental”, desenvolvido na escola referida. A Escola localiza-se na Praça do Rosário, S/N, no Bairro da Prata em Campina Grande – PB e foi criada por iniciativa do Governo do Estado José Américo de Almeida, gestão do pároco Cristovão Ribeiro da Fonseca, através da Lei nº 700 de 14/12/54. Pertence a 3º Gerência de Ensino, da Secretaria Estadual e visa atender aos alunos do ensino fundamental II (do 6ºano ao 9º ano) nos turnos manhã e tarde. É uma instituição pública, com autonomia didática, técnica e que tem como finalidade proporcionar ao educando a formação necessária, desenvolvendo suas

potencialidades através da vivência de atividades científicas, tecnológicas, culturais e sociais, que lhe possibilite tornar-se cidadão livre, com consciência crítica e capaz de exercer seu papel de agente transformador da sociedade.

A Escola se encontra em um local acessível ao lado de uma igreja católica (Nossa Senhora de Rosário) bastante conhecida em toda a cidade. As ruas que dão acesso à Escola são todas asfaltadas, com vias que recebem rotas de transporte público coletivo. Em suas proximidades, existem vários estabelecimentos comerciais. Por ser considerada uma região central abrange lojas, drograrias, lanchonetes, clínicas, hospitais e a conhecida Feira da Prata, que na Cidade de Campina Grande - PB é um importante comércio local.

A Escola funciona em dois turnos pela manhã das 7h às 11:30, à tarde das 13h às 17:30. As turmas da manhã e da tarde compreendem do 6º ao 9º ano. A estrutura física da Escola é bem conservada e organizada, porém com espaço físico pequeno para a quantidade de alunos matriculados. Sentimos falta de um refeitório, de uma quadra e até mesmo de um espaço de lazer para os alunos, quando visitamos a Escola para o desenvolvimento de atividades de extensão.

Inicialmente, foi feito o reconhecimento da Escola, das salas de aula e da rotina, analisando as turmas, o contexto social dos alunos e as ações do cotidiano dentro da sala de aula. A turma selecionada para a execução do projeto foi o 6º ano F pela sua adequação com a temática do projeto, no que diz respeito a sua faixa-etária. Em relação ao nível socioeconômico, a maioria dos alunos são de classe baixa ou classe média baixa, as idades oscilam entre onze (11) a quatorze (14) anos. Em uma pequena pesquisa realizada com os alunos, foi possível perceber que poucos são envolvidos com o mundo da leitura, haja vista que em uma sala de vinte (20) alunos apenas quatro (4) são leitores ativos.

4.4 Análise dos dados

O projeto de intervenção didático-pedagógico foi executado nos dias 20 e 27 do mês de abril de 2018, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário com os alunos do 6º ano F do Ensino Fundamental II. Ao abordar o conceito de solidariedade do Tema Transversal Ética dos PCN's, explanando e articulando com o cinema de animação. O intuito do projeto foi utilizar o filme como instrumento pedagógico para a construção de significados, estimulando os alunos a discutirem o tema pelo processo de auto identificação com os personagens.

Para a execução do projeto foram ministradas quatro (4) aulas em duas semanas de trabalho. As aulas na turma do 6º ano F foram as 5ª e 6ª aulas com duração entre 16h15 as 17h30, às sextas-feiras. O filme selecionado tem a duração de 1h20, com edição foi reduzido para 45 min, sem comprometimento para a concretização dos objetivos do projeto. Como recursos didáticos, utilizamos uma TV e um aparelho de DVD que foram instalados na própria sala de aula.

No primeiro dia da coleta de dados utilizamos como apoio o filme “Irmão Urso” (2003, dir. Aaron Blaise e Robert Walker). Antecedendo a exibição do filme, dialogamos a partir da temática que estava sendo proposta com os alunos. Em uma conversa informal, discutimos sobre a relevância das questões éticas para uma melhor convivência entre as relações interpessoais, identificando o valor da solidariedade e compreendendo a importância em se colocar no lugar do outro. Chamamos atenção para que os alunos observassem as cenas do filme, considerando os pontos que abordamos.

Estavam presentes dezessete (17) alunos do 6º ano F. Dentre eles, oito (8) conheciam o filme “Irmão Urso” e haviam assistido ao menos uma vez. Alguns dos alunos que já tinham esse conhecimento prévio sobre o longa-metragem, relataram que após a discussão sobre o tema que seria trabalhado não tinham a percepção que o filme tratava sobre o conceito de solidariedade. Alguns dos relatos foram: “*Nossa! Nunca pensei que esse filme falava disso*”; “*Mas o homem mata o urso. Onde tem solidariedade aí?*”. A partir disso, ficaram dispostos a rever o filme e observar onde se encontrava o conceito de solidariedade. O restante da turma também demonstrou interesse em conhecer o filme. Apresentamos o layout da capa do DVD, falamos que o filme “Irmão Urso” da Disney, foi lançado no Brasil em 12 de dezembro de 2003 e recebeu uma indicação para o Oscar em 2004 nos Estados Unidos na categoria de melhor filme de animação. Em seu enredo, conta uma história que começa há 10.000 anos, no fim da Era Glacial, com três irmãos indígenas Sitka, Denahi e Kenai que viviam em uma aldeia. A aventura começa quando o caçula, Kenai, não gosta nada do totem que recebe marcando sua entrada na vida adulta, um urso esculpido em madeira. Na sua opinião, o urso não é um animal admirável como a águia (totem recebido por Sitka) e o lobo (de Denahi).

Figura 1: Layout da capa do DVD do filme “Irmão Urso”



Fonte: Adoro cinema

As crianças se organizaram da melhor forma na sala de aula para que todos ficassem “confortáveis” e assistissem o filme da melhor maneira, se mostraram bastantes atenciosos e no decorrer da exibição surgiram alguns comentários como “*A culpa não foi do urso*”, “*Ele (Kenai) não pensa antes de agir*”, “*A águia sempre está por perto*”. Após a exibição do filme, realizamos um breve debate com algumas situações observadas no filme com os alunos, focando no tema solidariedade, as questões levantadas foram:

O que é ser solidário?

“É se colocar no lugar do outro”, disse Maria Antônia (11 anos).

“Ajudar os que mais precisam”, comentou Kerssia (12 anos).

O que significava o totem? Por que Kenai não gostou de ter recebido o totem do urso?

“Era pra mostrar que era adulto”, afirmou Isamara (11 anos).

“Servia pra mostrar a personalidade, parecido com os signos da gente” disse, Franciely (13 anos).

“Eu acho que ele não gostou por que não era um de homem valente”. Falou, Estefheson (12 anos).

Quando Kenai percebeu que estava errado?

“Quando virou urso”. (Todos)

“Quando Koda começou a falar o que tinha acontecido, ai ele viu a história de outro jeito e percebeu que o que ele tinha feito não foi certo e ele não foi solidário, não se colocou no lugar da ursa”, Explicou Vanessa (14 anos).

O irmão mais velho de Kenai, foi solidário ao se sacrificar?

“Sim, ele preferiu cair do que deixar o urso pegar os irmãos”, disse Thiago (11 anos).

Kenai foi solidário em algum momento do filme? Qual?

“Sim”. (Todos)

“Quando ele ajudou Koda a chegar na corrida do salmão”, falou Lucas (12 anos).

“Foi quando ele decidiu ser urso e ficar com Koda”, comentou Gabrielly (13 anos).

Figura 2: Alunos do 6º ano F na sala de vídeo



Fonte: Acervo pessoal da autora (Abril/2018).

Na semana subsequente, abordamos o Tema Transversal Ética dos PCN's focando no tema solidariedade. O tema solidariedade que é de extrema importante para a faixa-etária de 11 a 14 anos, considerando que estão na transição da infância para a adolescência, possuindo maiores responsabilidades com suas atitudes, podendo assim refletir sobre seus atos e até mesmo se auto avaliar ao internalizar sobre o que é ser ético e solidário. Abordamos, através de slides, cenas selecionadas do filme, explanando sobre tópicos de discussão com o objetivo de analisar e explicar as situações apresentadas nas as cenas, nos concentrando nas questões éticas e no conceito de solidariedade.

Observando o filme, podemos compreender como o conceito de solidariedade está presente de forma quase imperceptível aos olhos de quem não está disposto a analisar o filme. Como Duarte (2002) afirma, a análise descritiva de um filme é feito ao cruzar os seus

diferentes sistemas de significação com o sistema de significação contido na sociedade, ou seja, procura-se identificar e descrever os significados de narrativas filmicas no contexto social de que elas participam.

No início do filme, podemos observar como se dá a cultura e a forma como são conduzidas as obrigações das pessoas que vivem naquela aldeia. Em uma sociedade, seja ela qual for, existem regras que se fragmentam em direitos e deveres e esse foi um dos pontos discutidos com os alunos. De acordo com o Tema Transversal Ética, viver em uma sociedade significa orientar seu comportamento por leis e regras, criadas por seus sujeitos, com o objetivo de tornar a convivência adequada às necessidades, naturais e “inventadas” (BRASIL 1998, p. 79). Um dos alunos comentou: “*Em qualquer local, onde formos, sempre existirá regras*” (Lucas, 13 anos). Perguntamos o que os demais achavam sobre isso, alguns falaram que as regras servem para manter a ordem, outros falaram que em alguns lugares existem regras demais, impedindo a liberdade, e a escola foi citada como exemplo disso.

Em relação à solidariedade, foi mencionada a atitude do irmão mais velho (Sitika) que teve o ato de tomar pra si a responsabilidade e salvar os irmãos se sacrificando. Ser solidário é, efetivamente, além do respeito, partilhar de um sentimento de interdependência, reconhecer a pertinência a uma comunidade de interesses e afetos – tomar para si questões comuns, responsabilizar-se pessoal e coletivamente por elas. (BRASIL 1998, p. 104). No momento da discussão desse tópico, alguns alunos ficaram bastantes pensativos sobre o ato de se sacrificar para salvar alguém que ama. Alguns relataram que fariam a mesma coisa pela mãe, ressaltamos o valor de se colocar no lugar do outro, de tomar as dores para si. Perguntamos: “Vocês têm o conhecimento sobre o que vem a ser a palavra alteridade? “Nenhum dos alunos respondeu”. Explicamos sobre o conceito de alteridade que se assemelha muito com o da solidariedade. Porém, na alteridade, o sujeito transfere tudo o que o outro está vivendo para si. Ele realmente toma as dores. Você vê a situação ou mundo com os olhos do outro. Enquanto que a solidariedade se torna próximo a noção de generosidade. Ajudar o outro, doar-se, servir-se sem ter nada em troca. O ato de solidarizar-se procura também entender o próximo.

Na discussão sobre a visão da história de outra forma, os alunos souberam relatar a compreensão que tiveram em relação ao filme. De acordo com o filme o personagem principal só entendeu isso, quando se transformou em urso e passou a viver como o animal, o qual tirou a vida. Vendo a história de outra maneira e entendendo a importância de não pensar só em si mesmo, poder compreender que o amor e a dádiva de ser ético, sempre respeitando o próximo, faz parte do homem. Uma das alunas associou que o motivo do personagem

principal (Kenai) ter virado um urso, foi uma forma de castigo e lição. Perguntamos: “Qual o motivo que a levou a essa conclusão?” “A mesma respondeu que: *“Só assim para ele (Kenai) perceber o que tinha feito, se fosse de outro jeito ele nunca entenderia”* (Gabrielly, 13 anos).

Como forma de instrumento de coleta de dados, utilizamos uma atividade em que solicitávamos que os alunos observassem uma cena retirada do filme “Irmão Urso” e escrevessem o que aquela cena estava expondo. A cena mostra os dois personagens principais, Kenai e Koda, observando uma pintura rupestre em uma caverna. A pintura destaca os humanos atacando os ursos com lanças.

Figura 3: Cena do filme proposta na atividade.

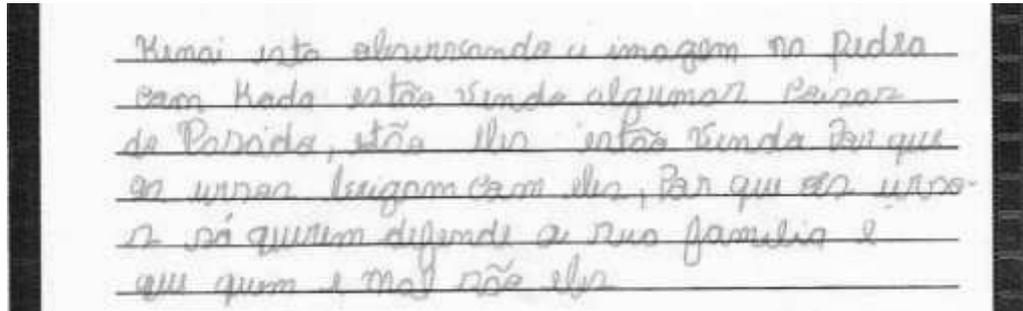


Fonte: Filme Irmão Urso

Antes da realização da atividade, discutimos sobre o conteúdo de imagem. Os alunos comentaram que se os homens soubessem que os ursos não fazem mal a ninguém não tinham coragem de matá-los. Destacamos aí, mais uma vez, a percepção de solidariedade.

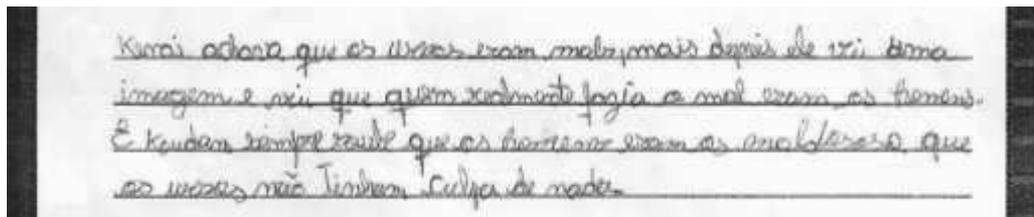
Analisando a atividade proposta aos alunos, notamos que a maioria comentou que as visões dos personagens eram totalmente diferentes. Como exemplo, a seguir apresentamos dois (2) textos produzidos pelos alunos:

Figura 4: Representa a resposta da atividade da aluna Tathiele (11 anos)



Fonte: Pesquisa direta (Abril/2018).

Figura 5: Representa a resposta da atividade da aluna Aísla (12 anos)



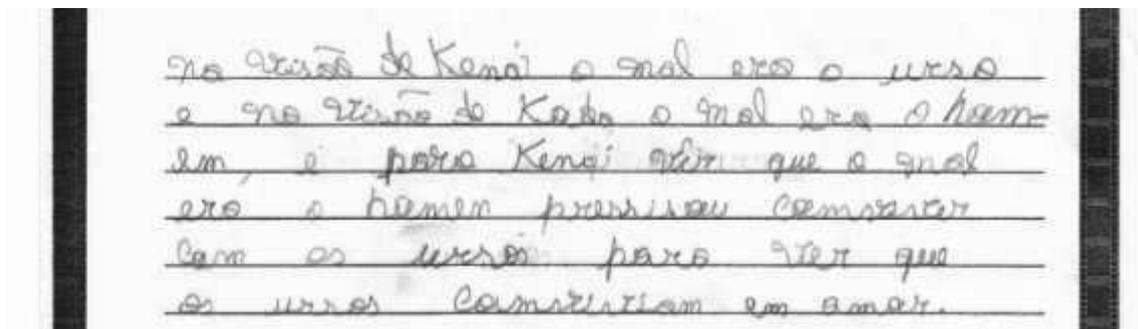
Fonte: Pesquisa direta (Abril/2018).

Nos textos acima, vemos as respostas das alunas (Tathiele, 11anos): “Kenai está observando a imagem na pedra com Koda estão vendo algumas coisas do passado, estão vendo por que os ursos brigam com eles, por que os ursos só querem defende a sua família e que quem é mal são eles”. E (Aísla, 12 anos): “Kenai achava que os ursos eram mals, mais depois ele viu uma imagem e viu que quem realmente fazia o mal eram os homens. E koudan sempre soube que os homens eram os maldosos e que os ursos não tinham culpa de nada”. Podemos perceber que as alunas entenderam o real significado que a cena transmite, ao compreenderem que os ursos não tinham culpa pela situação imposta na pintura da caverna.

Analisamos que as mesmas têm a consciência do que é ser solidário, pois consideraram as duas visões e se colocaram no lugar dos ursos que estavam querendo se defender. Ao entenderem que é preciso analisar a situação como um todo, observar o contexto de forma coletiva e não individualmente, podemos comparar com a solidariedade no exercício da cidadania, como afirma os PCN’s, Brasil (1998, p. 75): “ O exercício da cidadania não se traduz apenas pela defesa dos próprios interesses e direitos (embora tal defesa seja legítima), mas passa necessariamente pela solidariedade (por exemplo, atuar contra injustiças ou injúrias

que outros estejam sofrendo)”. Ensinar as crianças, desde cedo, sobre a importância de se pensar em um bem coletivo, onde todos tenham os mesmos direitos e que todos merecem respeito, é essencial e se torna um desafio para a escola, na garantia da harmonia nas relações interpessoais assegurando uma boa convivência em grupo. Outros alunos relataram que para entender o lado do outro, o personagem principal precisou “encarar os fatos” na própria pele, como podemos ver à seguir:

Figura 6: Representa a resposta da atividade do aluno Alisson (11 anos)



Fonte: Pesquisa direta (Abril/2018).

Na imagem acima vemos a resposta do aluno (Alisson, 11 anos):

“Na visão de Kenai o mal era o urso e na visão de Koda o mal era o homem, e para Kenai ver que o mal era o homem precisou conviver com os ursos para ver que os ursos conviveram em amor”.

Pode-se compreender que o aluno ao observar que o personagem (Kenai) entendeu o lado do outro quando enfrentou a mesma situação e aprendeu a ver o mundo com um olhar diferente, através dos olhos do seu próximo, enxergando a história em uma outra versão. Compreendendo que os ursos não são monstros, aprendendo a conviver com os mesmos e desmistificando toda a concepção que tinham sobre eles.

Ao analisarmos o texto acima, observamos que os alunos podem refletir que, ao ver o mundo com outros olhos, podemos enxergar além do que nos favorece. Compreender a visão do outro, o estilo de vida, costumes e crenças sem preconceitos também é um ato de se solidarizar com o seu próximo, entendê-lo em sua plenitude.

CONSIDERAÇÕES

A escola é um espaço destinado aos conhecimentos curriculares como também à promoção da reflexão sobre os valores humanos. Perceber que nossa sociedade está cada vez mais individualista e temos a necessidade de trabalhar valores desde cedo com as crianças, nos faz refletir sobre como se dá a relação das crianças no ambiente escolar. A ética é uma importante temática a ser trabalhada e discutida no ambiente escolar. Considerando a escolha por trabalhar o conceito de solidariedade, podemos compreender que a solidariedade é a demonstração de amor fraternal para com aqueles que necessitam, sendo um dos princípios éticos de suma importância para um bom relacionamento interpessoal. Nosso intuito foi de fazer a articulação entre cinema e educação, contribuindo para a formação cidadã do indivíduo, valorizando as diferenças e evidenciando a sua importância social.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que a solidariedade é fundamental diante das relações de convívio no ambiente escolar. A pesquisa permitiu discutir o Tema Transversal Ética e o conceito ético de solidariedade de forma lúdica através do cinema de animação com os alunos do 6º ano, de uma escola pública estadual. Considerando as respostas das atividades desenvolvidas em sala de aula, conseguimos analisar que os alunos reconhecem como solidariedade o ato de ajuda ao próximo, foi possível observar também que os alunos não compreendem essa ajuda apenas com a oferta de bens materiais, mas uma ajuda sentimental e emocional, sentir que o outro precisa de ajuda, doando sua presença e palavras de conforto.

A observação, as anotações e as discussões durante as atividades nos possibilitou uma satisfatória troca de conhecimento, contribuindo para a nossa formação acadêmica e para a formação dos alunos envolvidos, que puderam refletir através das cenas do filme sobre as ações cotidianas relacionadas ao tema ético solidariedade.

Diante do que foi referido, podemos concluir que a união entre o cinema e o conceito ético de solidariedade, foi o grande diferencial para a nossa pesquisa, contribuindo para as realizações das ações deste projeto de intervenção pedagógica que resultou no presente texto monográfico. A partir da história retratada no filme, “Irmão Urso” os alunos puderam conhecer, se identificar com os personagens, se envolver, debater e construir conhecimentos sobre o conceito de solidariedade.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. Pós-modernidade ou vivendo com a ambivalência. In: **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 245-297.
- BEAUD, Stéphane. WEBER, Florence. Observar. In: **Guia para pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petropolis: Vozes, 2007. p. 95-117.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DUARTE, Rosália. Cinema na escola. In: DUARTE, Rosália (Org.). **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 85-107.
- FANTIN, Monica. Cinema e Imaginário Infantil: a Mediação Entre o Visível e o Invisível. **Revista Educação & Realidade**, 2009. p. 205-223.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.
- IAVELBERG, Catarina. Formação moral e ética dos alunos-cidadãos. **Gestão Escolar**, 01 julho 2010. Disponível em: < <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/618/formacao-moral-e-etica-dos-alunos-cidadaos>>. Acesso em: 22 set. 2018.
- Irmão Urso. Direção de Aaron Blaise e Robert Walker. Produção de Chuck Williams e Igor Khait. Roteiro: Lorne Cameron e Tab Murph. Disney, 2003.
- MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. CASTRO, Paula Almeida de. (Org.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUPB, 2011.
- NAPOLITANO, Marcos. O cinema e a escola. In: NAPOLITANO, Marcos (Org.). **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 11-37.
- PAIVA, Edil V. de E. A formação do professor crítico-reflexivo. In: PAIVA, Edil V. de E. (Org.). **Pesquisando a formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 47-66.